



EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM RETRATO CONCEITUAL

Eugênia da Silva Pereira¹

Eva Fernandes Fogaça¹; Patrícia Maria Mitsuka¹

¹ Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus XII, Av. Universitária Vanessa Cardoso e Cardoso, s/n, Guanambi - Bahia 46430 - 000. Fone: (77) 3451 7776 e Grupo de Apoio ao Meio Ambiente GAMA/UNEB Campus VI. eniagbi@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O conceito de Educação Ambiental (EA) sempre esteve relacionado às mudanças de valores em relação ao meio ambiente. Porém, em muitos momentos não contemplou as reais necessidades de preservação e conservação do nosso habitat. De acordo Dias (2001, p. 98), “a evolução dos conceitos de EA esteve diretamente relacionada à evolução do conceito de meio ambiente e ao modo como este era percebido”. Inicialmente, o conceito focava um ambiente em que o ser humano não era parte integrante do meio, mas algo dissociável e superior ao mesmo. Neste sentido, o presente estudo buscou compreender as denominações que a EA foi ganhando no decorrer do tempo, identificando os motivos dessa variação.

OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivo identificar as diversas denominações que a EA tem adquirido ao longo do tempo, apontando sua importância e relação com o cenário social e educacional.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo pautou - se na metodologia da Pesquisa Qualitativa que conforme Pedrini (2007, p.75) “permite a construção do saber independente de experimentação”. Neste sentido, utilizamos para a coleta de dados o método da pesquisa bibliográfica, uma vez que esse trabalho integra o Trabalho Monográfico intitulado “Educação Ambiental: reflexões acerca do saber

- fazer do professor”.

RESULTADOS

A EA na definição dada por Stapp *et al.*, (1969 apud DIAS, 2001, p. 98) era “um processo que deveria objetivar a formação de cidadãos, cujos conhecimentos acerca do ambiente biofísico e seus problemas associados pudessem alertá - los e habilitá - los a resolver seus problemas”. Esta ideia de EA é bem reducionista, pois não faz nenhuma inferência ao aspecto social da vida do cidadão que se pretende formar. Outra concepção reducionista é a definição dada pelo Conama Conselho Nacional do Meio Ambiente em 1996, na qual a EA é “um processo de formação e informação, orientado para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais e de atividades que levem à participação das comunidades na preservação do equilíbrio ambiental” (DIAS, 2001, p. 98). Estes dois conceitos, além de não contemplar as dimensões sociais e políticas que o indivíduo convive no seu cotidiano, não demonstram que há interdependência entre o ser humano, o meio ambiente e os demais seres vivos do planeta. Dessa forma, a EA que surgiu nesse primeiro momento buscou encontrar as soluções para os problemas ambientais a partir deles próprios. Pautados em dimensões de cunho ecológico, transmitiam conhecimentos “corretos” do meio ambiente para os indivíduos. Esta EA é tratada por Guimarães (2004) como Conservadora, pois entendia que o ser humano era superior à natureza e visualizava o mundo de forma fragmentada. Esta concepção estava baseada na educação bancária (FREIRE, 1987) e buscava a promoção de um processo de trans-

missão de conhecimentos de forma descontextualizada, dicotomizando a relação homem/natureza. Com a expansão dos estudos e trabalhos desenvolvidos na área ambiental, a educação para o ambiente ganhou novos sentidos e definições. Isso fica evidente na definição de EA dada pela lei 9795/99, na qual, é entendida como “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente”. Este conceito demonstra que a visão reducionista tem se modificado, pois se incorporou os valores sociais e a necessidade de um trabalho coletivo. A partir da ampliação dessa concepção e em contraposição à EA conservadora, surgiu a EA crítica (GUIMARÃES, 2004) e a EA transformadora (LOUREIRO, 2004). Ambas, inspiradas na Pedagogia de Paulo Freire, se apresentaram com novas abordagens contrapostas à educação apolítica. A EA crítica é subsidiada por uma visão de mundo mais complexa e percebe a educação como um processo de troca. Já a Transformadora, busca questionar as concepções de educação comportamentalista que focalizam na transmissão de saberes ecológicos, pautados no certo/errado. Esta nova conceituação visa superar a dicotomia homem/natureza/sociedade. Outra abordagem, similar a estas, é a EA Emancipatória. Uma concepção que procura transformar as relações sociais na natureza e no meio ambiente, promovendo uma educação politizada. Lima (2004, p. 94) esclarece que esta abordagem “procura enfatizar e associar as noções de mudança social e cultural, de emancipação/libertação individual e social e de integração no sentido de complexidade”. A partir dessas abordagens, a EA alavanca no cenário educacional de forma diferenciada. Além disso, nota-se a emergência de outras denominações que buscam promover a criticidade e politização das questões ambientais.

CONCLUSÃO

Notamos que as novas conceitualizações da EA buscam situá-la - num campo de ressignificações que tratam a relação do ser humano consigo próprio, com o outro e com o meio. O que cada uma dessas “educações ambientais” pretende é promover uma educação para o meio ambiente que transforme as relações insustentáveis que o ser humano tem provocado no planeta.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Lei n.º. 9.795, de 27 de Abril de 1999 (Dispõe sobre a educação ambiental). Diário Oficial da União, Brasília, 1999. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/lei9795.pdf>. Acesso em 10/07/2010.
- DIAS, Genebaldo Freire. Educação Ambiental: princípios e práticas. 7 ed. São Paulo: Gaia, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica. In.: LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: MMA, 2004.
- LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Educação, Emancipação e Sustentabilidade: Em defesa de uma Pedagogia Libertadora para a Educação Ambiental. In.: LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: MMA, 2004.
- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental Transformadora. In.: LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: MMA, 2004.
- PEDRINI, Alexandre de Gusmão. O estudo de caso como unidade metodológica na Educação Ambiental. In.: PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). Metodologias em Educação Ambiental. Petrópolis, RJ: vozes, 2007. (p. 74 - 91)